



Relato PRELIMINAR da 5ª roda de conversa de conversa da Frente Estamira de CAPS: Como a pandemia está afetando a vida dos usuários e familiares?

Dia: 12/05/2020 (3ª feira)

Horário de início: 17h **Horário de término:** 18h42min

Local: Google Meet (sala de reunião virtual)

Participantes: André Correia, Ana Clara Moreira, Ana Paula Fernandes, Andressa Siqueira, Angela Monteiro, Adriana Santos, Amanda Regina, Alessandro Barbosa, Barbara Guideroni, Barbara Vianna, Bethânia Caetano, Bruna Ferreira, Carlos Henrique Martins, Camille Figueiredo, Carla Rezende, Claudia Canto, Clicia Cunha, Cristina Ventura, Danielle Ribeiro, Dominique Lenz, Fernanda Lorena, Guilherme Araújo, Hugo Soares, Isabella Ferreira, Juliana Alves, Herica Gonçalves, Juliana Tempone, Juliana Vinhais, Julio Pereira, Luciana Aleluia, Livia Esteves, Maria Alice Bastos, Maria Clara, Marise Lutterbach, Mila, Nicole Marcques, Paulo Costa, Pedro Campos, Pedro Gabriel, Priscilla Villela, Renata Antum, Sâmia Leite, Sueli Benante, Tayana Gonçalves, Tatiana Marques, Thaíssa Reis. Houve, em média, 47 participantes.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Inicia propondo que usuários e familiares tenham a prioridade de fala na reunião, e que relatem como tem sido suas experiências durante a pandemia.

Carlos Henrique (Usuário do CAPS Betinho - Macaé): Se apresenta e relata que faz tratamento no CAPS, não está sendo um problema pegar receita. Conta que vê alguns amigos adoecerem e que não estão conseguindo ter tratamento terapêutico no CAPS, pois atendimento é segunda, quarta e sexta. São pacientes que há muito tempo não adoeciam, estão adoecendo, e tem pacientes que estavam doentes e estão piorando. Está angustiado, preocupado com isso e pede ajuda.

André Correia (Familiar - São Pedro da Aldeia): Esteve no CAPS hoje mesmo, conta que a relação dele com o CAPS é mais voluntária, a esposa usuária não frequenta muito. Ela tem consultas espaçadas, já estabilizou a medicação, e ele tem relação de participação voluntária. Está preocupado com acesso aos serviços, procura organizar com familiares essa questão, destaca que a organização é necessária para conseguirem acessar gestores. Agora tudo tá um

pouco parado, grupo familiar tá suspenso, estão tentando manter alguma coisa pelo whatsapp, mas como já tinha flutuação nesse contato ele tem receio de como vai ser. O desafio é grande, ficou satisfeito com a resiliência de alguns mas entende que há muitos que estão prejudicados. Participa para buscar caminhos. Uma coisa interessante são as reuniões, os encontros virtuais, considera que é até mais efetivo se for mantido posteriormente, a manutenção viabiliza muita coisa.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Destaca que a experiência do isolamento social é uma experiência difícil pra todos, especialmente para usuários.

Alessandro Barbosa (Programa de saúde mental de Rio das Ostras): Sobre como estão lidando com isso, conta que ontem fizeram reunião presencial no CAPS pela primeira vez desde que começou isolamento. Fizeram espaçado, em espaço aberto, e uma das pautas era justamente saber como andam usuários nesse tempo, e não foi surpresa que até o momento estão conseguindo se manter, os profissionais têm conseguido acompanhar usuários por meio de telefone e vem buscando outros meios como vídeo. Conta que conseguiram fazer duas reuniões do GAM por videoconferência com usuários, que foram muito bacanas, e fez ontem a noite a mesma pergunta para a equipe de crianças do ambulatório, pois não possuem CAPSi ainda, e concluíram que nenhuma teve crise até o presente momento a ponto de precisar ir pra emergência em Rio das Ostras. Informa também sobre a carta que foi mandada para os gestores, a gestora de lá recebeu mas não teve condições de responder ainda, ela está de acordo com tudo.

Carlos Henrique (Usuário do CAPS Betinho - Macaé): No congresso ficou decidido que teríamos a Frente Estamira. Gostaria de saber se essa associação poderia se transformar numa associação regional, montar uma associação para os profissionais, principalmente aqueles com direito a entrar no conselho de saúde, para eles poderem ter voz, porque lá familiares não têm voz como conselheiros de saúde, por exemplo. Questiona se é possível fazer organização regional.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Relata que já há existe uma organização a nível regional, com profissionais de referência. Resume que Carlos traz proposta de formalização maior, de forma que possa haver representação em conselhos municipais e outros espaços do SUS. Deixa em aberto, pois depende de amadurecimento do coletivo. Destaca que

uma forma de associação regional daria empoderamento maior no contato com gestores regionais.

André Correia (Familiar - São Pedro da Aldeia): Questão do Carlos o interessa muito, é o que vem buscando, nunca imaginou ter contato com tanta gente junta como nessa reunião, foi a pandemia que viabilizou isso. Quer manter videoconferência com familiares, questiona ao Alessandro qual tecnologia ele está usando. Instalou o *Google Meet* mas só consegue usar como convidado, pergunta se tem custo para formar grupos.

Alessandro Barbosa (Programa de saúde mental de Rio das Ostras): Existem várias plataformas além dessa do *Google*, como o *Zoom*, que são gratuitas. O que difere é a quantidade de tempo disponível, de pessoas, mas maioria é gratuita. A exigência é baixar aplicativo no celular, se for *notebook* ou computador nem precisa. A dificuldade é que nem todo usuário tem *Wi-fi* em casa, se precisa usar dados móveis fica puxado, mas destaca que estão aprendendo a fazer. Com o GAM conseguiram reunião com 8 usuários, apesar das dificuldades. Buscou com a gestão comprarem equipamento, propôs compra de 1 (um) celular pelo menos para os CAPS, pois entende que é papel do município prover isso. Estão buscando e aprendendo todo dia. Comenta que a pandemia vem para deixar um legado para nós, não sairemos de maneira nenhuma dessa pandemia da mesma forma que entramos.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Com vários familiares com quem comentou dessa reunião, há dificuldade em baixar aplicativos ou com dados móveis. É questão objetiva, urgente para facilitar participação de usuários e familiares. Acha que o celular para o serviço, mencionado em reuniões anteriores, é condição mínima para funcionamento dos CAPS em qualquer momento, mas muito mais agora. Muitos serviços não possuem, é fácil ser obtido pela gestão. Lê comentário de Marise: nesse momento em que o CAPS tem menor tempo de acolhimento, as famílias estão mais próximas dos usuários.

Marise Lutterbach (Região Serrana): Em momento algum quis dizer que famílias não davam acolhimento antes, mas neste momento, por conta do isolamento, há proximidade maior. Apesar da maioria dos CAPS estarem em funcionamento com escalas, famílias têm dado mais atenção, o que tem sido bem importante. Estamos nos reinventando, aprendendo a lidar com as tecnologias, e algumas atividades estão sendo oferecidas online. Para muitos, a tecnologia fica mais complicada. É terapeuta ocupacional de formação e terapeuta comunitária, acredita nessa técnica. Tem oferecido terapias comunitárias online, para inclusive pessoas que não eram

usuários e estão adoecendo, inclusive profissionais. Tem dado muito certo. Com relação à solicitação de celular institucional, no município em que está não é difícil o acesso aos gestores, mas há discurso de “ah, tem que ter licitar”, “ah, tem prioridades pra pandemia”, e a saúde mental sempre fica pra depois, ficam adiando, já pediram celular mas ainda não chegou.

Bethânia Caetano: É assistente social de formação e também tem formação em terapia comunitária integrativa, foi convidada pela Marise pra participar de um grupo, tem oferecido terapia comunitária integrativa online, a roda é aberta pra quem quiser participar. Embora pessoas divulguem que há possibilidade de troca e escuta, tem visto também a possibilidade de superação nessas trocas, verifica que seria bom registrar as sugestões para melhoria nas possibilidades de cuidado. Uma das dificuldades é a adesão, não sabe se é só pela dificuldade de acesso, de imagem, dificuldade de falar, mas acredita que TCI é importante para o cuidado e a garantia da socialização. Trabalha em dois serviços (um CAPS e serviço de atenção à infância e juventude) e destaca que não tem telefone, nem telefone fixo, há grande dificuldade para chegar aos usuários. Pensam na possibilidade de usar o próprio celular. Diante dos impasses discutindo potencializada dentro do serviço, criaram *Facebook*, *Instagram*, coisas que não pensaram antes e pensam agora, mas ainda não tem chegado como gostariam no público deles, tanto nas TCI's, quanto no *Facebook*, tem encontrado dificuldades para ter acesso aos usuários. Criaram *kits* de higiene para entregar como estratégia de cuidado, com sabonete, pasta de dente; colocaram atividades impressas pras crianças, mas também pensando em estratégias para entregar. Há propostas mas encontram dificuldades no acesso.

Juliana Tempone (CAPS - Arraial do Cabo): É da Região dos Lagos, mora em Cabo Frio, mas atua em outras cidades também. Em relação aos recursos tecnológicos, acha importante quando formos documentar compra de celular, compra de recursos, documentar também a importância de se ter acesso à funcionalidade do recurso. Por exemplo, celular sem *internet* acaba ficando sem funcionalidade, é importante pensar em conseguir nos lugares em que não se tem *internet*. Aproveitando, achou interessante fala da Bethânia porque entende que acesso não é garantia de adesão, não apenas em tempos de pandemia. O SUS prevê acesso na lei mas não é garantia de adesão, então nessa pandemia isso gera angústia um pouco maior nos profissionais da atenção psicossocial. Pensa nas pessoas que tem feito trabalho de militância e resistência, acredita que estamos num passo a frente porque temos como premissa a escuta, o diálogo, reuniões, pensa que estamos num percurso em que a gente para pra dialogar, se reunir, poder ouvir e falar. Acredita que o que precisamos é reinventar os modos de fazer.

Júlio Pereira (CAPSad - Macaé/ CAPS - Queimados): É importante participar de encontro como esse porque a gente se inspira em boas práticas para fugir do imobilismo. Pessoalmente tem tido dificuldades no trabalho diário e vai descobrindo dia a dia o que fazer. É inspirador, se compromete a levar experiência de reunião em Rio das Ostras pros dois municípios onde trabalha. Fazem contato telefônico e isso tem sido muito importante, mas de modo geral não tem conseguido ter diagnóstico muito preciso da maior parte dos usuários, conseguem contato com poucos, pouquíssimos tem telefone. Coloca que no momento atual, a questão do trabalho nos CAPS é fundamental e questiona como temos dado visibilidade a isso.

Paulo Costa (CAPS II - Mesquita): Percebe que as falas se contemplam diante desse momento. Lá, em março passariam a ser CAPS III, mas por conta da pandemia isso não foi possível. Nas práticas deles, o conceito de se reinventar cai bem agora, estão nesse processo. Enquanto referência de usuários, tem se falado muito pelo *WhatsApp*, programaram encontro no *WhatsApp* a partir das datas programas presencialmente. Uma vez por semana marca vídeo chamada com alguns usuários. No CAPS tem tido assistências médicas, mas devido ao isolamento, houve afastamento grande dos usuários, aderiram recomendações de isolamento mas seguem sendo acompanhados remotamente. A convivência não é mais como era antes porque foi bem reduzida, e há alguns poucos usuários com muita vulnerabilidade, que necessitam de alimentação, em que veem necessidade do cumprimento PTS, em estarem nos CAPS. Seguem atendendo a crises, atendimentos acontecem com acolhimento de demandas trazidas, mas não de forma seletiva, tentam fazer com que usuários não se sintam afastados do serviço. Continuam recebendo demanda espontânea mas com todos os cuidados. Destaca a fala do colega sobre controle social. Esteve um ano no conselho de saúde, participou de alguns encontros da metropolitana I, onde todos os conselhos regionais se encontravam, e percebeu que não há nenhuma vontade de se falar da política de saúde mental, não percebeu nenhuma instituição que tivesse representatividade sobre política de saúde mental. Aconteceu em 2018 a conferência municipal de saúde no município, e quando foram tiradas as propostas, colocou moção de repúdio pela retirada de financiamento, derrocada das políticas de assistência, e teve a felicidade de saber que isso foi levado para a conferência nacional de saúde. Sobre a gestão da política de assistência, algo mais acima, precisa ter mais visibilidade, concorda que a saúde mental é colocada em segundo plano e isso causa muito incômodo pela natureza do trabalho que é, acha que deveria ter mais fomento diante da gestão. Sentiu falta de colegas da baixada, mas o contexto do CAPS em Mesquita vai de encontro a todas as falas da reunião. Possuem os mesmos problemas, buscam as várias possibilidades de reinvenção.

Cristina Ventura (IPUB): Destaca que relatos são importantes. Acha que há trabalho fundamental feito pelos CAPS nesse momento, que é a manutenção do vínculo pelos celulares e outros meios. Sugere que tentem organizar informações, dados sobre quantas pessoas têm sido acompanhadas com a ajuda das tecnologias, para reivindicar com gestores posteriormente. Volta a dizer que é preciso lutar por celulares, tablets, com internet nos CAPS. Questiona, por curiosidade, se tem havido demanda nova, casos novos, em função de uma desestabilização por conta do contexto da COVID-19, casos de surtos, etc. Comenta que Leandro recebeu o caso de um rapaz que não estava bem, e que acolhimento pela primeira vez, online, foi possível.

Paulo Costa (CAPS II - Mesquita): Em Mesquita começaram a receber essa demanda, demandas de primeira vez em contexto de coronavírus.

André Correia (Familiar - São Pedro da Aldeia): Com relação à adesão, vê dificuldade recorrente principalmente com o grupo de familiares. Busca melhoria dos serviços, vê o trabalho importante sendo relegado a segundo plano. Busca dar a devida importância mas adesão é dificuldade, porque os familiares é quem tem a capacidade, mais condição de reivindicar a atenção pros serviços. Crê que familiar tem melhor condição de buscar melhorias. Coloca como questão “como buscar a adesão do familiar?”. Conhece todas as dificuldades dos familiares, de várias formas, mas pede ajuda pra chegar e segurar figuras que possam somar. Vê como missão para todos nós.

Luciana Alleluia (IPUB): Trabalha no IPUB, e está na Frente Estamira. Quer dividir que tem pensado ações psicossociais dentro da internação. Como o IPUB não é regionalizado, pessoas de outros municípios estão internadas lá. Ganham tablet de doação e aparelho celular, para que a família faça contato, o serviço também, o que ajuda levar ação psicossocial para dentro da internação. É período difícil, visitas não são possíveis, está também no programa de residência, e buscam maneiras de driblar isso, para oferecer algo diferente.

Camille Figueiredo (CAPSi - São João de Meriti): Embora seja do CAPSi, comenta também sobre Ad e CAPS II, estão percebendo casos novos sim, percebem que tentativas de suicídio tem aumentado. Casos chegam através da emergência, ainda não receberam caso por demanda espontânea. Tem grupos com o pessoal da emergência psiquiátrica, médicos de plantão avisam coordenadores ou diretamente aos profissionais, fazem acolhimento e acompanhamento psicológico, psiquiátrico se necessário, dentro dos CAPS. Nas últimas 3 (três) semanas receberam casos novos semanalmente, de tentativa suicídio, teve semana em que foram

encaminhados 3 casos. Em paralelo a isso, nos casos antigos a equipe do CAPSi tá fazendo um levantamento de todos os casos que antes mesmo da pandemia tinham indícios de violência no diagnóstico situacional, porque esses casos não estão chegando. Leem que violência está aumentando mas não chegam, querem traçar estratégias para dar atenção a isso, fazer busca ativa, fecharão categorias de análise essa semana para buscar esses casos, incluindo casos antigos de violência doméstica e violência autoinfligida.

Andressa Siqueira (CAPS Profeta Gentileza - território de Inhoaíba, Campo Grande, Rio de Janeiro): Respondendo à Cristina, tem a impressão de que todo o sistema de saúde está voltado para pandemia, porque os número de primeiras vezes, mesmo os da internação, caíram muito. Perderam alguns leitos de saúde mental dentro do Hospital Rocha Faria, tinham 6 (seis) e agora só têm 3 (três). A própria população não tá buscando muito o serviço de saúde mental nesse momento, estavam recebendo muita tentativa de suicídio, nos últimos dois anos aumentou muito, e neste momento não tem percebido aumento, pelo contrário, profissionais veem queda brusca. Percebem que casos estão reagudizando pela falta de convivência. Mantém ida de 6 (seis) a 8 (oito) usuários no CAPS todos os dias, estão com muitos em crise ao mesmo tempo mas usuários que já eram do CAPS, acha que nunca tiveram tantos em crise ao mesmo tempo. Estão com um problema, que é específico no CAPS dela, de só terem 1 (um) psiquiatra que está afastado por ser do grupo de risco do COVID, não conseguem contratação de novo, e equipe está ficando muito assoberbada com questão das receitas. Tem que solicitar com as clínicas da família mas elas já estavam muito precarizadas pelo desmonte que foi feito pelo Crivella, nesse último ano de gestão especialmente, e com a COVID-19 isso piora. Equipe o tempo todo ou cuida de crise ou cuida de receita, pacientes que precisam ser mais monitorados estão ficando de lado. Está em casa por ser do grupo de risco, começou monitoramento por telefone mas são poucos profissionais que estão em casa. A realidade é que raríssimos são usuários com acesso pleno à internet, muitos não tem nem telefone, trabalham em região bem pobre, o acesso à tecnologia é muito precário.

Alessandro Barbosa (Programa de saúde mental de Rio das Ostras): Respondendo à Cristina, tem sentido aumento de pessoas de primeira vez, pela questão exclusiva de COVID-19. Receberam 2 (dois) profissionais de saúde inclusive, não sabe se devido a muita informação as pessoas estão com medo de sair de casa. Sobre a angústia da saúde mental ser deixada de lado, se recorda de fórum nesta mesma plataforma na semana retrasada, em que foi muito bonito ouvir uma moça (não lembra o nome) que trouxe muitos dados, dizendo que a pandemia

tem ciclos, que com 90 dias muda um pouco e que serão outros acometimentos com a saúde mental, e que mostrou pra nós a importância da saúde mental em tempos de pandemia, enfim, valorizou o nosso trabalho. É uma deixa pra gente chegar, como fez hoje. Chegou para a gestão dele numa reunião e mostrou o que tem feito, o que podem e o que pretendem fazer, e à medida que vai mostrando a importância do serviço, vai podendo reivindicar. A pandemia está mostrando nossas fragilidades, o quanto a gente não tem o mínimo como um celular, internet, notebook. É hora de fortalecer programa de Saúde Mental, voltar aos conselhos gestores com força. Pensa que quanto às dificuldades dos usuários o caminho é envolver os familiares, pode ser que usuário tenha dificuldade no manuseio ou até mesmo em ter um celular, mas sempre há familiar que tem alguma condição de ajudar, dentro das possibilidades.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim/NUPPSAM): Comenta que a tecnologia tem sido muito importante, estavam sem telefone no CAPSi, então estavam com muito pouca porta de entrada, só conseguiram atender porta de entrada por conta das parcerias com serviços do território, o telefone voltou a funcionar essa semana. Além da dificuldade da entrada no serviço por conta de terem que passar pela portaria do IPUB.

Paula Cerqueira (IPUB): Comenta que historicamente, quando se pauta o tema da adesão, a gente acaba levando para a responsabilização do outro, e acaba pouco discutindo o que o nosso processo de trabalho tem a ver com isso, no sentido de uma abertura ou não, e gostaria que posteriormente esse tema pudesse ser discutido com calma. Como supervisora do CAPSAd III Miriam Makeba, traz que a população atendida por esse CAPS é de intensa fragilidade, 80% da população atendida é população de rua, e comenta que se surpreendeu com a supervisão de ontem. Ouviu que de duas semanas pra cá, há aumento significativo dos casos de primeira vez, casos com o perfil das pessoas procurarem sozinhas, não tem uma referência na RAPS mas ouviram dizer, procuraram na internet, é um movimento delas, que à primeira vista buscam atendimento ambulatorial. Outra questão é que o Makeba, depois de momento de muito receio e temor da equipe, e é normal que isso aconteça, conseguiu intensificar ações do território, tem sido muito bacana, conseguiram implantar o que chamam de “serviço noturno”, que é horário ampliado onde a equipe vai pro território, circulam em pontos de grande circulação de pessoas já mapeados, tem feito esse trabalho. Outro serviço de ação territorial que tem feito é à tarde em parceria com usuários de serviço, usuários têm composto a equipe e tem sido fenomenal, reconhecem população que tem lá, conversam, negociam, fazem mediação, tem sido muito

bacana. Acolhimento noturno reduziu, e atividades coletivas no interior do CAPS também, mas investiram no território e tá sendo bem interessante.

Ana Lucia Togeiro (CAPS - Macaé): Comenta que é legal o aumento no número dos participantes. Comenta sobre 18 de maio, na próxima segunda, e sugere usar rede social pra divulgar trabalhos dos CAPS. Em Macaé fizeram pequeno grupo para ver iniciativas para essa data, estão providenciando com a ajuda de alunos da universidade um vídeo para ser colocado no Facebook e redes sociais, um vídeo curto com imagens de eventos passados importantes, e haverá encontro, como esse, dos trabalhadores e usuários que puderem no dia 18 para celebrar essa data como uma conquista, mesmo diante das dificuldades.

Juliana Alves (CAPSi Maninho - São João de Meriti): Sobre pergunta da Cristina, observa tendência de adoecimento de adolescentes chegando com mais força, referem insônia, terror noturno, falta de ar, crises, e junto com isso acabam trazem nomes pros adoecimentos, é algo que já acontecia mas agora tem acontecido mais, tentando categorizar o que estão sentindo, não tem falado diretamente que isolamento está os fazendo se sentirem assim, mas indiretamente trazem. Questão da complexidade do convívio familiar é dificuldade recorrente, falta de rotina também, e estavam promovendo trabalho grande de inserção em atividades no território que foi interrompido. Tem desenvolvido trabalho de sensibilização, de tentar dar nome, de começar a entender a correlação entre sentimentos e momento, e tentar mostrar que é um momento difícil que estamos atravessando juntos. Tecnologia tem ajudado nesse sentido contato, observam esse adoecimento.

Paulo Costa (CAPS II - Mesquita): O processo de desinstitucionalização começou ano passado, familiares estavam dispostos a receber usuários, houve mudanças pela pandemia. Famílias trouxeram algumas impossibilidades, está havendo emergência na justiça, há audiências remotas, e juiz está expedindo alvará liberando usuário. Com a mudança da família no que foi pactuado, isso nos remeteu a outros caminhos. Esse usuário hoje estão trazendo ele pra Residência Terapêutica (RT), é um usuário que ficou 25 (vinte e cinco) anos no Sistema Penitenciário, está indo para RT, e a partir daí vão fazer trabalho de ressocialização, de autonomia, mas acha interessante colocar isso justamente pelo momento de pandemia. Havia proposta positiva com a família, entenderam o que a família levou pra eles, mas tiveram que reconfigurar estratégia.

Leandro Pacheco (CAPSi Carim/NUPPSAM): Lê comentários. Angela Monteiro disse que viu aumento de casos novos, ela trabalha num leito de atenção à crise em Resende. André Correia que precisou sair deixou sugestão de um tema, relação dos CAPS com os familiares, no sentido de ter essa parceria importante, e a Sueli Benante, respondendo à Cristina Ventura, disse que, no CAPSi de Macaé, o que eles estão vendo é um aumento no pedido de ajuda das mães, inclusive mães que quase não falavam de suas angústias e medos, e o contato está sendo realizado por telefone, whatsapp e alguns presenciais.

Maria Alice (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental - Niterói): Faz parte da diretoria da AUFA, agradece e fala que fará trabalho para que o restante da associação participe, por exemplo o sr. Alberto, que é muito interessado e que não conseguiu participar, nessas dificuldades de se familiarizar com as novas tecnologias. Se compromete a na próxima ele estar presente.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Comenta que chegamos a ter 52 pessoas, grande participação tem a ver com horário mas também com o tema. Pontua que tema fundamental é ampliar acesso de usuários e familiares ao acolhimento virtual, às novas tecnologias. Sobre acesso do seu Alberto, conhecido de anos, acredita ser possível resolver. Retoma que na reunião passada houve usuária do CAPS Neuza que falou da ideia de centro de convivência virtual, são ideias para criar maneiras de usuários terem ponto de apoio nesse momento de isolamento. Acredita que há tecnologia para isso, é possível melhorar isso, e fica a proposta de a Frente Estamira reivindicar, propor aos gestores de todos os 190 CAPS terem no mínimo 1 (um) celular para cada serviço. Segundo ponto importante é o 18 de maio. A Frente Estamira participará, fizeram contato com CRP do Rio para participar conjuntamente de atividades e com o Movimento Da Luta Antimanicomial. É um momento extremamente importante, a Frente Estamira se insere num grande movimento social onde a data do 18 de maio é data essencial. Terceiro ponto é ampliar visibilidade dos esforços feitos pelos CAPS em plena situação de pandemia. Há casos de primeira vez aumentando, há procura pelo serviço e estão dando conta disso. Relacionado a isso, acha que temos que debater mais o mal estar decorrente da tragédia que estamos vivendo, tanto do ponto de vista sanitário quanto político. É importante avaliar, observar o aumento dos casos de tentativas de suicídio, pensar sobre isso melhor. Comenta sobre agenda da Frente Estamira, será uma semana com muitas atividades. Uma delas é atividade triste, houve a triste perda de um colega muito querido, que é o Danilo Santos Silva, que foi psiquiatra no CAPS de Imbariê, em Mesquita e também trabalhou em

outros serviços, e faleceu por COVID no domingo pela manhã. Teremos quinta-feira, às 11 da manhã, uma cerimônia virtual de homenagem ao Danilo, que também foi aluno no mestrado do IPUB, estamos todos muito tristes, era uma pessoa muito querida e admirável. Amanhã às 17:00 teremos palestra/debate sobre a questão da epidemiologia do COVID-19 e biossegurança, com dois epidemiologistas.

Priscilla Vilella (Frente Estamira): O nome da atividade é “Covid-19: desafios práticos para a vigilância epidemiológica e a biossegurança”.

Pedro Gabriel (Frente Estamira/NUPPSAM): Então amanhã haverá essa atividade para profissionais, usuários e familiares dentro da saúde mental. Recebeu contato sobre pessoa de São Paulo, que informou sobre atividades virtuais que ocorrerão o dia inteiro no 18 de maio, acha que talvez a Frente Estamira pudesse pensar em aderir a essa mobilização mais nacional, ficarmos atentos a isso. Algumas pessoas pediram para gravar uma mensagem curta para ser compartilhada entre colegas, talvez possamos pensar em algo assim, em cada serviço gravar uma mensagem de 2 (dois) a 3 (três) minutos, e vermos de que forma isso pode ser editado e compartilhado como programação especial do 18 de maio. Agradece especialmente Carlos Henrique, André e Maria Alice, e tentar ver se nas próximas rodas a gente consegue um número maior de usuários e familiares participantes. Agradece ao Leandro responsável pela condução da roda.

Redigido por Lívia Esteves e Vitória Melo, em 12/05/2020.

Revisto pelos participantes, em 13/05/2020.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 2020.

Frente Estamira de CAPS - Resistência e Invenção.